

As imagens que virão

Nesta edição de *Imagem contextualizada* quatro artistas apresentam-se com produções distintas, que têm em comum a exploração do tema que lhes foi lançado: *a presença humana na fotografia*. Participam na exposição: J ('dzei) (Universidade Lusófona), João Corvo (Atelier de Lisboa), Margarida Leal (FBAUL) e Vera Cruz (Ar.Co).

Estamos no Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa que alberga e preserva cerca de 600 mil imagens, em vários formatos e suportes, provenientes de vários espólios adquiridos e de documentações fotográficas sobre o desenvolvimento da cidade e a memória dos seus habitantes. Estamos num lugar de várias temporalidades acessíveis, repositório de obras de técnicos da imagem e artistas que usaram e usam a fotografia como veículo, para nos conduzir o olhar não só sobre a cidade, mas sobre várias presenças, sensibilidades e conflitos. Podemos encontrar, por exemplo, fotografias da atriz Amélia Rey Colaço em cena, captadas por Artur Bourdain de Macedo (1917-1997), das viagens de Helena Corrêa de Barros (1910-2000) em filme Kodachrome, ou os murais contestatários do regime fascista do Estado Novo, documentados por José Neves Águas (1920-1991). As imagens sobrevivem à fixação de um discurso, podem contribuir para a sua ordem e exaltação, ou apenas para documentá-lo. A forma de leitura e tradução possível, a vida e independência do próprio arquivo depende da assimilação de novas vozes e olhares.

Nesta ordem de ideias, os quatro trabalhos aqui expostos, fazem já parte de uma afirmação artística que contribui com um olhar que não se prende a um tempo de representação e de cânone definido pelo poder. Na proposta de João Corvo acedemos a

uma seleção de fotografias que fazem parte do espólio Wang Laboratories, uma empresa de tecnologia que teve o auge do seu sucesso nos anos 70 e 80, e que abriu falência nos anos 90. Este material que documenta a construção da empresa e retrata os seus altos quadros, é também um exemplo de como instituições e investimentos necessitam de uma produção de imagens específica para se auto-representarem e como essa documentação é essencial nos processos de criação de identidade fabricada, de performatividade do sucesso e do poder. O álbum de família é substituído pelo álbum de empresa, o retrato do executivo só surge como uma tentativa e fórmula de tradução de um sucesso do *self-made man*, que o arquivo agora absorve com toda a melancolia e absurdo que apenas a distância perante a história da criação desses códigos e fabricações produz.

No trabalho de J ('dzei), intitulado *quark*, a partícula elementar poderia ser um som singular no interior do poema materializado em imagem. Assistimos a uma desfragmentação de material pessoal onde se incluem tomadas de consciência ontológica, sobre o *ser no mundo* (Heidegger, *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, de 1927), que através dos mecanismos de composição, corte e reprodução de imagens, abraça a abstração, para se aproximar de um discurso íntimo e multiversal. As referências que a fotógrafa faz a obras de Sophie Calle, Patricia Almeida e David-Alexandre Guéniot, fazem todo o sentido, nesta tradição de inscrever o tempo quotidiano, diarístico, num mecanismo de ensaio visual onde o dispositivo acaba por ser o contorno para *ser-se* na obra.

Vera Cruz apresenta-nos *Ensaio e Encenações*, uma série de fotografias composta por auto-retratos e imagens de objetos que funcionam, no conjunto, como uma única

performance com léxico próprio. Aqui encontramos as ressonâncias do trabalho escultórico e *live-art* de Ana Mendieta (1948 – 1985), ou de Marina Abramovic (1946), nas semelhanças no que toca a uma relação objetual com os interditos da morte e do desejo ritualizados.

Ainda neste quarteto de vozes concomitantes, encontramos Margarida Leal com a sua *Still Installation*, um conjunto de fotos que explora a coreografia e uma série de *tableaux-vivants* na paisagem. Abordando a presença humana aqui também de forma escultórica e numa relação com elementos e matérias de um cenário em permanente movimento, composto por água, erva, rocha, madeira. A autora fala-nos no seu texto introdutório que “este trabalho trata-se de uma reflexão sobre a densidade das relações que nos escrevem enquanto Ser, sobre a fragilidade e a beleza da ausência.” Aqui reverberam imagens que se assemelham a detalhes de algumas esculturas de Paul Albert Bartholomé (1848-1928), onde corpos vulneráveis imprimem o seu choro na paisagem.

Nesta possível heterodoxia composta por imagens de seres humanos - que olham, são vistos e convidam a olhar -, pretende-se promover um espaço de celebração do arquivo como lugar de abertura a novas narrativas, conduzidas através de imagens, com a implacável e constante necessidade de se rever o cânone ligado à produção e exposição fotográficas, bem como as suas premissas e as condições do espectáculo. Esta exposição é um contributo para uma contínua revisão daquilo que queremos ver, ao vermo-nos; para ensaiar e fixar em imagens essas várias temporalidades, imagens que contribuem também para outras que virão, por entre a crise, revelar o absurdo e a violência de determinado tempo.

Bruno Humberto, Peniche, 2024